

Resumo de “Os Lusíadas”

Biografia Luís de Camões

A biografia de Camões permanece repleta de incertezas. Tudo parece indicar que nasceu em Lisboa, por volta de 1525, mas muito jovem partiu para Coimbra, onde um tio seu, chanceler da Universidade, lhe facilitou o acesso às aulas de Humanidades.

Regressou a Lisboa, onde foi repartindo o seu tempo entre os serões do Paço, declamando versos próprios ou alheios, e as ruelas mal frequentadas da capital, entre companheiros de boémia, numa existência complexa e cheia de paradoxos.

Em fins de 1549, alistou-se no exército e partiu para Ceuta, não sabemos se voluntariamente ou por castigo de amores proibidos em que se envolvera na Corte.

Regressou a Lisboa e, em 1552, entrou em conflito com um criado do Paço, para defender dois amigos seus que lutavam com o funcionário da Corte. Foi preso durante um ano. O rei, D. João III, na Carta de Perdão, tomou em consideração tratar-se de um pobre mancebo que se ofereceu para partir para a Índia.

Em 1553, o poeta embarcou na nau S. Bento. Sofreu grandes temporais e, uma vez no Oriente, toma parte em várias expedições. Foi durante essas expedições que iniciou a obra “Os Lusíadas”. Foi expulso de Macau por motivos que declarou injustos, e no regresso naufragou na foz do rio Mecom, acabando por chegar à Índia em 1561.

O grande sonho do poeta era poder regressar à pátria. Foi até Moçambique à custa de um irmão do vice-rei, D. Francisco Barreto, que o obrigou ao pagamento de 200 cruzados que gastara com ele. A partir daí foi vivendo da caridade dos amigos que lhe pagaram as dívidas e lhe compraram passagem até Lisboa.

Reinava D. Sebastião e Camões sentiu-se profundamente deprimido e pessimista quanto ao futuro da Pátria que tanto amava.

A obra “Os Lusíadas” foi impressa em Lisboa, em 1572.

Os últimos dias da vida do poeta decorreram no abandono e na miséria. O escravo Jau percorria a cidade, mendigando, na tentativa de providenciar sustento a ambos.

O poeta sabe da morte de D. Sebastião já no seu leito de morte. Grassava a peste em Lisboa, na agonia, Camões teria exclamado: «Morro com a Pátria».



A origem da palavra *Lusíadas* – Conta a lenda que **Luso**, filho de **Baco**, deus do vinho, fundou, no extremo ocidental da Península Ibérica, um reino, ao qual deu um nome derivado do seu: **Lusitânia**.

Na realidade, quando os Romanos se estabeleceram na Península Ibérica, por uma questão administrativa, dividiram-na em três províncias, conservando o nome **Lusitânia para toda a região compreendida a sul do Rio Douro**.

No século XVI, os escritores nacionais começaram a usar a palavra **Lusitanos** como sinónimo de **Portugueses**, o que foi aproveitado por Camões.

Foi com base nisso que o poeta criou uma palavra nova que iria dar nome à sua obra épica: **Os Lusíadas**, ou seja, o **Povo de Luso – os Portugueses**.

Estrutura de: “Os Lusíadas”

- A obra divide-se em dez partes, às quais se chama cantos. Cada canto tem um número variável de estrofes (em média de 110). O canto mais longo é o X, com 156 estrofes.
- As estrofes são oitavas, portanto constituídas por oito versos. Cada verso é constituído por dez sílabas métricas; na sua maioria, os versos são heróicos (acentuados nas sextas e décimas sílaba).
- O esquema rimático é o mesmo em todas as estrofes da obra, sendo portanto, rima cruzada nos seis primeiros versos e emparelhada nos dois últimos .

1. Proposição

As armas, e os barões assinalados **a**
Que, da Ocidental praia Lusitana, **b**
Por mares nunca dantes navegados, **a**
Passaram ainda além da Taprobana, **b**
Em perigos e guerras esforçados **a**
Mais do que prometia a força humana, **b**
E entre gente remota edificaram **c**
Novo Reino, que tanto sublimaram; **c**

E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando;
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando:
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano
As navegações grandes que fizeram;
de Alexandre e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se elevanta.

A proposição funciona como uma apresentação da obra, que o poeta vai escrever, como podemos ver no verso: "Cantando espalharei por toda a parte".

O poeta começa por nos apresentar os "heróis" desta epopeia:"As armas e os barões assinalados/Que da Ocidental praia lusitana...", ou seja, os soldados portugueses que partiram de Lisboa(a praia ocidental lusitana).

Como a obra é uma epopeia, percebemos que o poeta quer enaltecer os feitos portugueses, e que as pessoas se esqueçam dos feitos gregos e romanos, pois até os deuses obedeceram aos portugueses:"Em perigos e guerras esforçados,/Mais do que prometia a força humana" e toda a última estrofe(onde o poeta nos diz que os deuses obedeceram aos portugueses).

A **Proposição** aponta para os quatro planos do poema:

■ 1. O Plano da Viagem - celebração de uma viagem:

"...da Ocidental praia lusitana / Por mares nunca de antes navegados / Passaram além da Tapobrana...";

■ 2. O Plano da História - vai contar-se a história de um povo:

"...o peito ilustre lusitano...". "...as memórias gloriosas / Daqueles Reis que foram dilatando / A Fé, o império e as terras viciosas / De África e de Ásia...";

■ 3. O Plano dos Deuses (ou do Maravilhoso) - ao qual os Portugueses se equiparam:

"... esforçados / Mais do que prometia a força humana...". "A quem Neptuno e Marte obedeceram...";

■ 4. O Plano do Poeta - em que a voz do poeta se ergue, na primeira pessoa:

"...Cantando espalharei por toda a parte. / Se a tanto me ajudar o engenho e arte...". "...Que eu canto o peito ilustre lusitano...".

2. Invocação

Plano do Poeta – em que a voz do poeta se ergue, na primeira pessoa:

"...Cantando espalharei por toda a parte. / Se a tanto me ajudar o engenho e arte...". "...Que eu canto o peito ilustre lusitano...".

E vós, Tágides(17) minhas, pois criado

Tendes em *mi* um novo engenho ardente,

Se sempre em verso humilde(18) celebrado

Foi de *mi* vosso rio alegremente,

Dai-me agora um som alto e sublimado,

Um estilo grandiloco e corrente(20),

Por que das vossas aguas, Febo(21) ordene

Que não tenha *enveja* às de Hipocrene(22).

Dai-me hua fúria grande e sonorosa(23)

E não de agreste avena(24) vou frauta ruda(25),

Mas de tuba canora e belicosa(26),

Que o peito acende e a cor ao gesto muda(27);

Dai-me igual canto aos feitos da famosa

Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;

Que se espalhe e se cante no universo,

Tão sublime preço cabe em verso.

Glossário:

17-ninfas do Tejo

18- Verso humilde

19- Por mim

20- estilo em que se note a elevação desse canto

21-Apolo, deus do Sol e chefe das Musas.

22-Fonte do cavalo alado Pégaso, na Grécia. Quem dela bebesse ficava a ser poeta.

23-Uma inspiração poética de grandiosidade de conteúdo e de sonoridade

24-Aveia campestre, utilizada pelos pastores; aqui está simbolizada a poesia bucólica.

25-Flaurta da poesia lírica.

26-Trombeta de forte som guerreiro. Aqui está simbolizada a poesia épica.

27-Faz com que o semblante mude a sua cor normal

- A invocação consiste em pedir ajuda a entidades mitológicas, chamadas Musas. Isso acontece várias vezes ao longo do poema, sempre que o autor sente faltar-lhe a inspiração suficiente, seja em resultado da grandeza da tarefa que se lhe impõe, seja porque as condições são adversas.
- Existe um predomínio da função apelativa da linguagem, pelo uso imperativo, do vocativo (“Tágides minhas”), e da repetição anafórica: “dai-me”.
- Na estrofe quatro e cinco Camões pretende que as tágides lhe dêem um estilo sublime (“um som alto e sublimado”), á altura dos feitos que se propõe narrar e de forma que a gesta lusíada se torne conhecida em todo o Universo. Não lhe interessa, agora, a inspiração lírica e bucólica que as Musas lhe prodigalizaram no passado. Pretende agora voar mais alto.

3. Dedicatória

(Pág:150 e 151 do manual)

A dedicatória é uma parte facultativa da estrutura da epopeia. Camões inclui-a n’ “Os Lusíadas” ao dedicar a sua obra ao rei D. Sebastião.

Nessa altura, D. Sebastião era ainda muito jovem e por isso era visto como a esperança da pátria portuguesa na continuação da difusão da fé e do império.

D. Sebastião, rei de Portugal de 1568 a 1578, foi o penúltimo rei antes do domínio espanhol (1580-1640). O seu prematuro desaparecimento numa manhã de nevoeiro na batalha de Alcácer Quibir deu origem ao mito sebastianista, um sentimento muito português, que nasceu de uma lenda e que tem povoado o imaginário colectivo do nosso povo, ao longo dos séculos.

- *Linguagem argumentativa*

Para além do elogio ao rei, Camões pretende convencê-lo a aceitar o seu canto, por isso recorre a uma linguagem argumentativa, sendo a função de linguagem predominante a apelativa. O poeta recorre a numerosos vocativos, apóstrofes e ao uso frequente do modo imperativo. Há quem considere que o discurso da Dedicatória segue a estrutura própria do género oratório.

O poeta chama constantemente a atenção do seu destinatário, D. Sebastião, para o que o poema vai celebrar.

- *Alguns recursos estilísticos presentes na dedicatória:*

➤ Metáfora:

O elogio ao rei está presente em toda a dedicatória, mas é desde logo visível nas primeiras três estrofes, salientando-se as várias metáforas, nomeadamente: “Vós, tenro e novo ramo florescente”, que realça a jovialidade do rei.

➤ Sinédoque:

Na caracterização de D. Sebastião, o poeta usa frequentemente a sinédoque – figura de estilo em que se troca a palavra que indica o todo de um ser por outra que indica apenas uma parte dele:

“Vós, ó novo temor da Maura lança,”

Embora só se refira à lança, o poeta pretende designar todo o exército de mouros.

4. Narração

A obra *Os Lusíadas* encontra-se dividida em quatro partes (Proposição, Invocação, Dedicatória e Narração.), tal como todos os poemas clássicos.

Neste pequeno trabalho irá ser brevemente resumido o que se trata a Narração no's *Lusíadas*.

A narração inicia-se no Canto I (estância 19) e finaliza no canto X. Nela são narrados acontecimentos passados (desde a origem do nosso país até D. Manuel I), acontecimentos no presente (enquanto ocorre a acção) e acontecimentos futuros (profecias).

A narração «in medias res», isto é, quando a narração se inicia, já a armada se encontrava no canal de Moçambique, ou seja, a meio da acção.

«Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando.»

Episódio d'O Velho do Restelo

Este episódio insere-se na narrativa feita a Vasco da Gama ao rei de Melinde. No momento em que a armada do Gama está prestes a largar de Lisboa para a grande viagem, uma figura destaca-se da multidão e levanta a voz, para condenar a expedição.

O texto é constituído por duas partes: a apresentação da personagem feita pelo narrador (Estr. 94) e o discurso do Velho do Restelo (Estr. 95).

O Velho do Restelo – Imprecação de um ancião enquanto a frota larga do Restelo, contra os motivos que levam os homens a desafiar o longínquo (e que talvez represente um dos pontos de vista contraditórios que se debatem no próprio Camões).

Estrofe 94

A caracterização destaca a idade (“velho”), o aspecto respeitável (“aspecto venerando”), a atitude de descontentamento (“meneando/ três vezes a cabeça, descontente”), a voz solene e audível (“A voz pesada um pouco alevantando”), e a sabedoria resultante da experiência da vida (“Cum saber só de experiencias feita”; “experto peito”).

Estrofe 95

O velho condena o envolvimento do país na aventura dos descobrimentos, a que se refere de forma claramente negativa, “vã cobiça”, “vaidade”, “fraudulento gosto”. E apresenta uma série de consequências negativas dessa aventura: mortes, perigos tormentas, desamparo das famílias.

Nesta parte é visível uma série de apóstrofes, “Ó glória de mandar”, “ó vã cobiça”. “Ó fraudulento gosto”, com as quais revela que o que ele condena é de facto a ambição excessiva do ser humano, neste caso materializada na expansão ultramarina. O sentimento de elevada indignação manifesta-se, sobretudo, pela utilização insistente de exclamações.

Episódio de O Adamastor

O Adamastor d' “Os Lusíadas”, poema épico de Camões, é constituído por 23 estrofes. Esta figura mitológica traduz as dificuldades sentidas pelos navegadores na passagem do oceano Atlântico para o oceano Índico, ao dobrarem o cabo das Tormentas, mais tarde da Boa Esperança.

Na primeira parte do seu discurso, o Adamastor apresenta-se como senhor do mar desconhecido, ameaçando os portugueses, que queriam devassar os seus domínios secretos, e profetizando para eles duros castigos futuros. Na segunda parte do seu discurso, o Adamastor, identificando-se com o cabo Tormentório e elogiando-se por ter conseguido o domínio dos mares, logo se abre em confidências, revelando os acontecimentos que o levaram até àquele estado. A sua paixão por Tétis mereceu o castigo dos deuses, que converteram o seu gigantesco corpo no cabo das Tormentas.

Adamastor terminou o seu discurso, chorando e desfazendo-se a nuvem negra. No final

Vasco da Gama pede a Deus para que as profissões (ameaças) do gigante não se realizassem.

Este episódio pretende engrandecer o povo português que mesmo com medo enfrentaram obstáculos, este episódio foi retornado na Mensagem por Fernando Pessoa dando-lhe o nome de “Mostrengos”.

Padrão

Na primeira estrofe Camões retrata o levantamento dos padrões nas terras que os portugueses descobriram, os padrões simbolizam as conquistas dos portugueses em terras desconhecidas. Logo de seguida enaltece os feitos dos portugueses na época dos Descobrimentos, referindo que nenhum outro povo antes tinha conseguido alcançar tal feito, chegando mesmo a considerar os heróis portugueses superiores aos heróis das epopeias clássicas.

No final Camões afirma que Vasco da Gama deve agradecer às musas por estes se terem tornado os seus feitos e os de Portugal tão famosos.

Pessoa na “Mensagem”, refere este episódio num dos seus poemas considerando que o padrão simboliza os mares sem fim portugueses.

ILHA DOS AMORES

Contextualização do episódio na Obra

A Ilha dos Amores é um episódio da epopeia em estudo, ocupando oitenta e uma estrofes do Canto IX e cento e quarenta e duas do Canto X. situando-se num plano secundário-paralelo à narrativa principal.

Aparece como uma passagem de tom conclusivo, em que os bravos marinheiros portugueses são congratulados pelas suas nobres façanhas com direito a todos os prazeres carnais e psicológicos como cedência benéfica a toda magnitude social alcançada pela sua coragem, destreza, ambição e patriotismo.

Encontra-se colocado estruturalmente na convergência de todos os diversos níveis de acção presentes na obra:

- A viagem dos marinheiros;

- A intriga dos Deuses;
- Uma retrospectiva histórica do passado e futuro de Portugal (e do mundo, indirectamente);
- A concepção da estrutura do mundo (o cosmos em si);
- Uma avaliação do ponto de vista filosófico da presença humana no mundo;
- Uma crítica social do sujeito poético à sociedade de então.

Resumo e simbologia social.

Vendo agora a frota em segurança no seu regresso a Portugal, Vénus pede a ajuda ao seu filho Cupido para juntar os *amores* e atingir as ninfas com as flechas do amor. Com as ninfas e Tétis sob esta influência, coloca uma ilha mística na rota dos portugueses, e faz com que os nobres marinheiros encontrem esta ilha no seu percurso.

Durante a passagem descrita pelo autor, existem dois importantes factores a ter em conta:

A genialidade do sujeito poético é descrita pela maneira como alia todo o ambiente do episódio a um espaço lírico, verdejante, com água límpida, como se fosse previamente desenvolvido por entidades divinas para as práticas e sentimentos amorosos.

O outro factor é a alusão do sujeito poético ao amor carnal e puro, tão condenável nessa época, e o “pecado social” pelo qual o poeta tinha praticado e sido severamente punido. Critica subtilmente a sociedade, referindo-se a este amor com as melhores ideologias e sentimentos, referindo que:” *Melhor é experimentá-lo que julgá-lo, Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo*”.

Simbologia do Episódio “Ilha dos amores”

Terminada a viagem de Vasco da Gama e antes de regressarem a Portugal, o poeta dirige os marinheiros para a Ilha dos Amores, onde, por acção de Vénus e Cupido, receberão o prémio do seu esforço.

Trata-se de uma ilha paradisíaca, de uma beleza deslumbrante. A descrição do encontro entre os portugueses e as ninfas está repassada de sensualidade. Os prazeres que lhes são oferecidos são o justo prémio por terem perseguido o seu objectivo sem hesitações.

Todo o episódio tem um carácter simbólico.

Em primeiro lugar, serve para desmitificar o recurso à mitologia pagã, apresentada aqui como simples ficção, útil para “*fazer versos deleitosos*”.

Em segundo lugar, representa a glorificação do povo português, a quem é reconhecido um estatuto de excepcionalidade. Pelo seu esforço continuado, pela sua persistência, pela sua fidelidade à tarefa de expansão da fé cristã, os portugueses como que se divinizam. Tornam-se assim dignos de ombrear com os deuses, adquirindo um estatuto de imortalidade que é afinal o prémio máximo a que pode aspirar o ser humano.

De certo modo, podemos dizer que é o amor que conduz os portugueses à imortalidade. Não o amor no sentido vulgar da palavra, mas o amor num sentido mais amplo: o amor desinteressado, o amor da pátria, o amor ao dever, o empenhamento total nas tarefas colectivas, a capacidade de suportar todas as dificuldades, todos os sacrifícios.